

## ROTA DAS ALDEIAS

O percurso tem início na Malveira da Serra, localizada nas faldas da Serra de Sintra. Atravessa sombrias matas plantadas, bosquetes com vegetação autóctone, áreas essencialmente ocupadas por espécies invasoras, matos de características mediterrânicas ou atlântico/mediterrânicas e prados. Na Peninha a paisagem é grandiosa: o Cabo Raso, o cordão dunar Guincho--Oitavos estendendo-se para o interior e para SE, denuncia a orientação dos ventos dominantes. A SO, já perto do mar, as aldeias da Biscaia e Figueira do Guincho, vestígios de antigos fornos de cal, pedreiras e ainda fortalezas que defendiam estrategicamente a costa.



*Vista da Peninha - Fonte: ICNF*

Todo este território e população são eminentemente rurais, gentes do campo dadas ao amanho da terra, à pastorícia, e até há bem pouco tempo à moagem nas azenhas e moinhos de vento, bem como aos fornos de pão e cal, de onde retiravam o alimento para o seu sustento e a matéria-prima para edificar as habitações. Um dos fornos de cal, o do Gaiteiro, situava-se no local de Almoínhas Velhas.



*Parque Natural Sintra-Cascais*

Toda esta comunidade saloia possui características singulares nos costumes, na linguagem, nas crenças, no vestuário e até no modo de trabalhar. Saloio: palavra que deriva do arábico Çahruiie que significa o habitante do campo, o camponês no termo de Lisboa à data da sua conquista por D. Afonso Henriques. Ao longo deste

percurso, encontram-se algumas das espécies do coberto vegetal original: o carvalho-roble (*Quercus robur*), o carvalho-cerquinho (*Quercus faginea*), o carvalho negral (*Quercus pyrenaica*), os carrascos (*Quercus coccifera*), os sobreiros (*Quercus suber*), os zambujeiros (*Olea europaea* var. *sylvestris*), os raros azevinhos (*Ilex aquifolium*), os loureiros (*Laurus nobilis*), os medronheiros (*Arbutus unedo*). Sempre que as condições de ensombramento ou humidade o permitem surgem a gilbardeira (*Ruscus aculeatus*), a hera (*Hedera helix*), a dedaleira (*Digitalis purpurea*) ou o trovisco-lauréola (*Daphne laureola*) associados ao cupressal. Nos matos são frequentes os tojos (*Ulex* sp.), o baracejo (*Stipa gigantea*), a cabola-albarã (*Urginea maritima*), a salsaparrilha-bastarda (*Smilax aspera*), as estevas (*Cistus* sp.), as violetas (*Viola odorata*), o morrião-perene (*Anagallis monelli*), o trovisco-macho (*Euphorbia characias*), a torga (*Calluna vulgaris*) o alecrim (*Rosmarinus*



officinalis). Apesar da beleza e magia envolvente, é bem evidente um dos problemas ecológicos mais graves do Parque: a difícil sobrevivência da vegetação natural. Após o grande incêndio de 1966 criaram-se condições para que invasoras como as háquias (*Hakea sericea*), o pitosporo (*Pittosporum undulatum*) e principalmente as acácias (*Acacia melanoxylon* e *A. longifolia*) ocupassem rapidamente os habitats disponíveis e se expandissem em grande escala de uma forma que ainda hoje não é possível controlar.

Na generalidade, a fauna selvagem é difícil de observar, mas o percurso raramente se faz sem que pelo menos uma das rapinas mais comuns por estas paragens, a águia-de-asa-redonda ou o peneireiro-comum, surpreenda os caminhantes com o seu voo característico. Destaca-se altaneira da plataforma litoral circundante. Barreira de condensação para os ventos dominantes de N-NO carregados de humidade cria as condições para o desenvolvimento de uma vegetação exuberante. Lugar de mistério, famoso pelos seus ares, povoado desde a pré-história, de grande esplendor durante a ocupação árabe, foi destino de veraneio e refúgio para a corte, tendo o seu período áureo nos finais do séc. XVIII e todo o séc. XIX. O clima foi determinante para a forma de apropriação pelo Homem: primeiro a pastorícia, depois a agricultura principalmente nas faldas setentrional e marítima da serra, a procura de lenha, a exploração da madeira, a construção naval, a caça - no séc. XVII caçava-se o veado e o javali. Mas em meados do séc. XVIII atinge-se a mais profunda desarborização: a floresta de carvalhos que se implantou após a última glaciação limita-se aos locais mais inacessíveis.

No séc. XX inicia-se a reflorestação com pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*), depois cedro do Buçaco (*Cupressus lusitanica*), originário da América Central, e o australiano eucalipto (*Eucalyptus globulus*). Hoje persiste apenas cerca de 1% da vegetação arbórea natural. Perto do litoral a serra torna-se mais plana terminando no emblemático Cabo da Roca, de escarpas altas e abruptas, ponto continental mais ocidental da Europa, o “Promontório magno” dos Romanos. Na vertente sul os ventos impetuosos e uma menor pluviosidade determinaram as características atuais da vegetação: prados e matos rasteiros com características mediterrânicas e atlântico-mediterrânicas.



*Linha de costa do Parque Natural Sintra-Cascais - ICNF*

A diversidade de exposições, de composição geológica e o clima especial permitem ainda aqui encontrar grande diversidade de flora e fauna: quase todas as espécies de carvalhos do nosso país; espécies-reliquia como o feto-dos-carvalhos (*Davallia canariensis*) e o feto-de-folha-de-hera (*Asplenium hemmionitis*) que abundavam antes da última glaciação; de plantas ameaçadas e com área de distribuição muito limitada, como o cravo-romano (*Armeria pseudarmeria*) ou o cravo de Sintra (*Dianthus cintranus*) e de populações isoladas cujo ótimo ecológico se situa em regiões mais setentrionais - o lagarto-de-água (*Lacerta schreiberi*), o musaranho-de-dentes-vermelhos (*Sorex granarius*) - ou de populações nidificantes como o pisco-de-peito-ruivo (*Erithacus rubecula*) e o pombo-torcaz (*Columba palumbus*); São ainda frequentes a geneta (*Genetta genetta*), a raposa (*Vulpes vulpes*) o coelho-bravo (*Oryctolagus cuniculus*), a águia-de-asa-redonda (*Buteo buteo*), o peneireiro-comum (*Falco tinnunculus*) a salamandra (*Salamandra salamandra*), o tritão-de-ventre-laranja (*Triturus boscai*) ou a lagartixa-do-mato (*Psammodromus algirus*). Existem espécies raras e ameaçadas em Portugal, como a águia de Bonelli (*Hieraaetus fasciatus*), a coruja-do-mato (*Strix aluco*), o

gavião (*Accipiter nisus*), a venenosa víbora-cornuda (*Vipera latastei*), a cobra-de-capuz (*Macroprotodon cucullatus*) ou a mais pequena espécie de morcegos da Europa, o morcego--pequeno-de-ferradura (*Rhinolophus hipposideros*).

**Características do percurso:**

**Unidade territorial da Estrutura Ecológica Regional (EER):** Parque Natural Sintra-Cascais

**Áreas/corredores da EER associados:** Serra de Sintra

**Outras áreas/corredores da EER relacionados:** Parque Natural Sintra-Cascais

**Âmbito do percurso:** Histórico, cultural, natureza, paisagístico

**Concelhos abrangidos:** Cascais

**Local de partida/chegada:** Malveira da Serra/ Malveira da Serra



Percurso circular



12.5km



Dificuldade média



Aconselhado todo o ano

**Ligação com outros percursos pedestres:**

- Ligação com o GR11 E9 Caminho do Atlântico;
- Ligação com o PR1 CSC Rota das Quintas;
- Ligação com o PR4 CSC Rota do Litoral do Guincho.

**Infra-estruturas de apoio:** Percurso sinalizado e dotado de painéis informativos. Dispõe de instalações sanitárias ao longo do percurso.

**Acesso por Transporte Público:** Sim

**Local de estacionamento:** Malveira da Serra

**Pontos de interesse:**

1. Fornos do Arneiro
2. Biscaia
3. Peninha
4. Tapada da Urzeira

## Descrição dos pontos de interesse:

### Ponto de interesse 1: Fornos do Arneiro

Tipo: Fornos de Cal

### Ponto de interesse 2: Biscaia

Tipo: Localidade

### Ponto de interesse 3: Peninha

Tipo: Área natural | Capela | Palacete

Descrição: O Santuário da Peninha localiza-se no extremo oeste da Serra de Sintra, sobranceiro ao Cabo da Roca. Local de magia e contemplação, evidencia permanência e influência humanas desde o Período Neolítico. A paisagem imensa que se avista destes 488 metros de altitude vai do Cabo Espichel e Arrábida, a sul, até ao cabo Carvoeiro e Berlengas, a norte, e, para nordeste, abarca a Serra em toda a sua extensão. Exposto a fortes ventos marítimos, encontra -se frequentemente envolto em nevoeiros (Fonte: <http://www2.icnf.pt/portal/ap/resource/ap/pnsc/santuاريو-peninh>).

Esta área apresenta um valor botânico muito relevante, onde se regista a presença de diversos endemismos lusitanos e habitats naturais de ocorrência muito restrita. Concentra populações representativas de endemismos do PNSC com estatuto populacional que pode, no futuro, revelar-se crítico.

### Ponto de interesse 4: Tapada da Urzeira

Tipo: Área Natural

## Entidade responsável pela gestão:

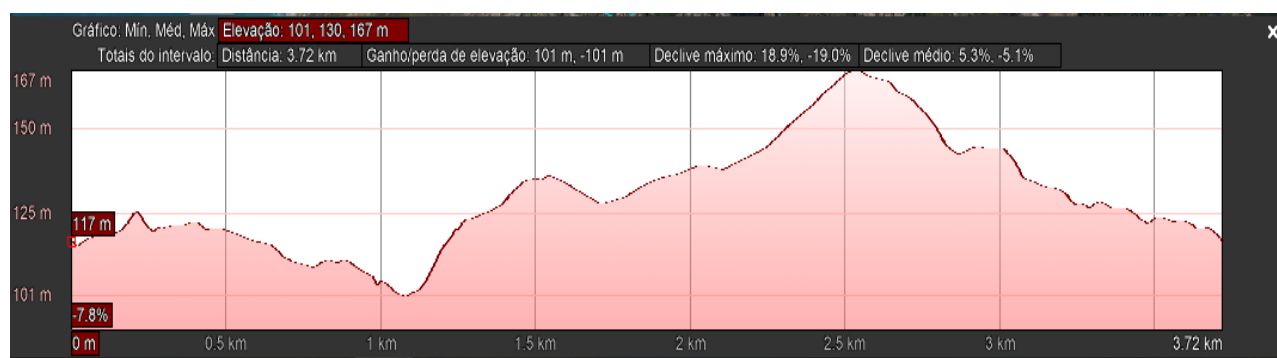


## Percurso registado e homologado pela:





### Perfil topográfico do percurso:



### Mapa do percurso:

